ESPUMAS

AMADEU AMARAL

ESPUMAS

VERSOS

1917
EDIÇÃO D'A CIGARRA
S. PAULO

A MEUS FILHOS

Que este livro, leitor, um momento consiga
prender o teu olhar como a nuvem que passa,
e um momento de sonho e de ilusão te faça
viver, e te provoque uma palavra amiga;

repercutam em ti as emoções que eu diga,
muito embora bem cedo o encanto se desfaça,
— e outro premio não quero, esse premio ultrapassa
quanta compensação mereça esta fadiga.

A que mais aspirar? E que ha mais que eu mereça?
Passe tudo isto! Assim passam a vaga e as flores:
nada impede que o mar ondule e o chão floreça...

Eu não construo: canto... E entre todas as glorias
basta-me a de espelhar em poemas incolores
o perpetuo esplendor das coisas transitorias.

NUVENS

Sobre a lamina azul de um ceu todo bonança
passa uma nuvem clara em curvas franjas de onda,
— vaga que adormeceu num mar que não estronda,
nas mudas convulsões de uma tormenta mansa...

Bruma, sonho da terra, ergueu-se; e enquanto avança,
busca a forma fugaz, que se esboça e esbarronda;
aqui se esgarça, ali descai, alêm, redonda,
boia ao sol que a redoira e ao vento que a embalança.

Sonhos, bruma secreta, entre anceios e dores,
sobem-nos da alma assim, livres, espaço em fora,
na lenta indecisão dos informes vapores...

Possam os meus pairar na luz por um momento,
ser a nuvem que arrasta o olhar perdido — embora
suceda a cada esboço um desmoronamento!

EPISTOLA

A Manuel Carlos

Eu não sei, meu amigo, se a Poesia,
como uma fada complacente, vôa,
á invocação deste ou daquelle fiel,
e vem ficar-lhe ao pé, mansa, em pessôa,
a dar-lhe vida e forma á ideia fria,
a conduzir-lhe a mão sobre o papel...

No meio desta humana turba-multa
existem (dizem) almas predilectas
que ela visita assim. Vates de raça,
é desse privilegio que resulta
o seu caracter de genuinos poetas,
iluminados de inefavel graça!

Eu não a vi jamais. Nunca ela veiu
impor-me a sua mão, que tem imposto,
na febre do trabalho, a tanta mão;
não lhe senti jamais o arfar do seio
sobre o meu ombro; nem, pelo meu rosto,
a sua musical respiração.

Nunca a enxerguei sequer; meus pobres olhos
debalde tentam descobrir-lhe a cara,
e cruzar-se com os seus, numa anciedade.
Tenho-a buscado, como se buscara
do universal palheiro nos refolhos
a intangivel agulha da verdade...

Sou, pois, amigo, como um namorado
que, na ausencia da amada, se contenta
de andar pelos caminhos que ela andou,
e anda mil vezes o caminho andado,
porque senti-la se lhe representa
nas coisas que ela viu e que tocou.

Sinto-a um pouco por tudo, alegre ou mesta,
nos dias tristes, nos faustosos dias,
nas ondas bravas e nas ondas calmas.
A tudo um pouco de si mesma empresta;
reluz nos gestos e fisionomias,
e tanto doura as pedras como as almas.

Os mares, os grotões, as alvoradas,
as ideias, as nuvens, a folhagem,
uma vida, uma lagrima, um prazer,
tudo isso — coisas tão disparatadas! —
reflecte o seu clarão, como a paisagem
sob o clarão de um vago amanhecer.

E assim, nesta ofegante e doce lida,
como um amante que o seu bem supremo
espera vê-lo como um sol que nasce,
dou-lhe o que ha de milhor na minha vida...
— mas não espero vê-la, e quasi temo
que possa vê-la um dia face a face...

Nem eu mereça jamais vê-la, amigo.
Quando eu visse o misterio, qual te vejo,
quando a Certeza me guiasse a mão,
vêr-me hias calmo como um deus antigo,
— mas ir-me hiam pelo ar, num só bocejo,
as delicias do anseio e da ilusão!

A UM ADOLESCENTE

I

A Julio Mesquita Filho

E's moço. E's belo. E's forte. Em ti a juventude
lançou todo o esplendor da harmonia e da graça:
nem traço feminil que mesquinho te faça,
nem o vigor bestial que a imagem torne rude.

Vejo o Alcides pagão, pronto a brandir a maça...
Mas, não. Alguma coisa ha em ti, que não me ilude:
teu olhar morno e quieto é um sonolento açude,
onde um tardo bulir de agua morta perpassa.

Destreza, porte, côr, musculos, nada falta,
— nada te faltaria, oh! não, se não faltasse
o sopro, a chama, a luz que transfigura e exalta,

o instinto heroico, o ardor de exceder-se nas lides,
que essa alma ainda em fusão, vivo e brusco, plasmasse
pelo relevo audaz desse corpo de Alcides.

II

Quizera ver-te, ó tú que és moço, olhos erguidos
ao beijo alto da luz, o olhar cálido e recto
espelhando ante o sol, o amigo predilecto,
o clarão interior dos sonhos atrevidos.

Nem tristeza banal, nem desanimo abjecto,
nem plangente desdem, nem queixas e gemidos,
mas a graça e o vigor do corpo e do intelecto,
e a alma a vida a beber pelos cinco sentidos.

Que importa que te falte uma crença radiante!
Que a ilusão te morresse ao bafo atroz do mundo?
Basta crer na Beleza! E basta a Mocidade...

Sê moço. Vive e luta; anhela e vibra. Adeante.
Vive como um falcão de olhar duro e profundo,
vive amando o esplendor, a altura e a imensidade.

III

Basta crer na Beleza. Ama-a no Cosmos, fora
de ti, e ama-a em ti mesmo. E' a suprema pesquiza!
Busca-a. E esculpe teu ser, juntando, hora por hora,
á mente que concebe o escopro que realiza.

Perguntas : — Onde o metro, a norma, a arte precisa
para rasgar no bloco a forma que se ignora?
— Quem ao leão deu o ardor com que os desertos pisa?
E quem á aguia ensinou a ser do azul senhora?

Tens o instinto voador de quem nasceu com asa.
Ama o que é forte e puro, odeia o que é perverso,
o que é baixo, o que é vil, tudo que anda de rastros.

E põe-te em comunhão, no entusiasmo que abraza,
com a Beleza, esplendor da Vida e do Universo,
com a poesia, os herois, os abismos e os astros.

IV

Falta o preceito firme a que a acção se conforme?
Falta uma directriz certa e definitiva?
— Quem a teve jamais? O bom ideal é informe,
e a Certeza, ai de nós! de todo o encanto o priva.

A torrente que corre e espadana, aurea e viva,
sem parar nem recuar no itinerario enorme,
busca um sonho que além, sob a névoa, se esquiva...
e ai! della, se desvenda o sonho azul que dorme!

Sê tú como a caudal: foge ao remanso e ao charco.
A agua pura é a que ferve e scintila entre abrolhos.
O miasma e o lodaçal moram nas aguas mansas.

Avança, seja o sol resplandecente ou parco;
— e se a meta surgir, algum dia, a teus olhos,
impele-a para alêm á proporção que avanças!

∴

V

Ponha quem o quizer a mira predilecta
ao alcance da marcha, e, mão alçada, siga,
certo de achar um dia a suspirada meta
e de colher o fruto e aplacar a fadiga.

Muito milhor, porêm, — deixa que o diga um poeta,
e que o fatuo saber dos doutos contradiga, —
é perseguir o ideal com a esperança secreta
de que vê-lo jamais de frente se consiga.

E' lutar como quem ambiciona a vitoria,
arder em sangue, em raiva, em jubilo, em heroismo,
e abrir para a derrota um semblante risonho.

Nem ouro, nem poder, nem gratidões, nem gloria;
nada vale o viver pairando sobre o abismo
e a graça de morrer antes que morra o sonho.

VI

Que importa que o final de todo humano esforço
seja um enigma, alêm, — e, inda mais longe, nada!
Que os caminhos da vida, o direito e o retorso,
levem ao mesmo termo a boa e a má jornada.

Que procurava o efebo, erguendo o disco e a espada
na arena, ou governando a quadriga no corso?
O sereno esplendor da alma forte, ligada
á rigeza do braço e ao relevo do torso.

Perdeu-se tudo? Sim. Talvez não. A beleza,
que em vagas de emoção torceu a turba erguida,
não se perdeu, talvez, quem sabe! como o resto...

E que importa, afinal! Afronta essa incerteza,
afronta a escuridão, glorificando a Vida
no minuto de luz que arde, ás vezes, num gesto!

A PALMEIRA E O RAIO

A Alberto de Oliveira

A Palmeira, entre a plebe hirsuta dos arbustos,
das arvores anãs, moitas de um verde baço,
asperos taquarais que o vento encurva e anima,
lá está, calma e feliz, sem temores nem sustos,
— um só traço direito a fender o alto espaço,
com um largo leque aberto a balançar-se em cima.

Da planura, em redor, vê-se-lhe o vulto esguio
sobre a crespa colina, unico descoberto,
remirando-se airoso em solidão tamanha.
Abrindo o seio azul, em baixo, espelha-o o rio.
Voam-lhe à volta, em ronda, as aves do deserto.
E debruça-se alêm, contemplando-o, a montanha.

Só ela põe no horror do quadro, -- hispidos montes,
agrestes barrocais, plainos áridos, vale
sombrio, mato ralo e poento, — só ela
põe no bocejo atroz que enche estes horizontes
o encanto de um sorriso, um sorriso que vale
por tudo, e a graça real de uma ondulante umbela.

Quando a manhã reponta, á aura leve, que adeja
em torno, o sol disputa a gloria de beijá-la.
Sobre a névoa do vale, onde a agua dorme oculta,
sobre os moitais que a sombra ainda empasta e negreja,
ela só se desvenda, e incrusta em fluida opala
o verde capitel que o isolamento avulta.

Quando o dia esmorece e o ocaso se esbrazeia
e uma cinza azul-negra enche as quebradas calmas,
sobre o outeiro o perfil, tinto de sol, se enxerga,
solitario na turba imensa que o rodeia,
erguendo para o ceu, no doce arfar das palmas,
o anseio ascencional de uma fé que não verga.

Um dia, o sol queimava, em torrentes de chama.
Tudo prostrado. O rio é uma placa de chumbo:
sem um frémito de ar na agua pregada á borda.
Como vasada em bronze, imota a curva rama,
a Palmeira morreu, talvez... Mas um retumbo,
nubito, estruge ao longe e o eco pesado acorda.

Uma nuvem se arranca, alêm, á serra; assoma,
e engrossa. O azul do ceu, metalico, se turva.
Um vento brusco açoita o matagal, bulhento.
O caule da Palmeira, emfim, se abala; a coma
dança e zune, e, a oscilar, traça tão larga curva
que parece fugir, livre e jovial, com o vento.

Estala um raio. A escuridão cresce. A tormenta!
Outro raio, a raivar, percute o cerro bronco,
retalhando-o talvez com o inflamado cutelo.
Outro mais. Outro ainda... Este, agora, rebenta
sobre o leque esvoaçante, e fere e lasca o tronco
da Palmeira gentil. Dobra-se o amplo flabelo.

Então resôa a voz da alta Palmeira:
— Basta!
Acertaste, afinal, Raio ardente. Inimigo,
a haste encontras, emfim, tantas vezes buscada
em vão. Achas, emfim, a fronte erguida e casta
que jamais se curvou, que se enfrentou contigo
cem vezes, sem terror. E venceste. Obrigada...

E' uma gloria morrer na tormenta desfeita,
sob o vento, o granizo e o trovão; morrer quando
sobre mim se despenha o universal assalto;
resistir a cantar, sustentar-me direita,
na divina embriaguez do perigo, e, cantando,
cair varada assim de um golpe que vem do alto.

E's o inimigo audaz e recto. Desconheces
o gelado rancor que teme a luta e o risco,
o odio vil que sorri, e sorrindo assassina.
Desconheces a bava e a peçonha, os refeces
ardis, o aculeo surdo, o olhar do basilisco...
Tens o orgulho que explode e a raiva que fulmina.

Tú me viste aqui erecta, a rir á luz ridente,
dominando a soidão com a graça do meu vulto,
com o som do meu cantar, com a altivez do meu porte.
Por eu ser assim grande, e por te olhar de frente,
quizeste-me prostrar. E poupaste-me o insulto
da tua compaixão desdenhosa de forte.

Vieste, de frente e de alto, e rábido caíste
cem vezes sobre mim. E cem vezes erraste
os golpes. E tambem cem vezes, sibilante,
o meu riso resoou no espaço escuro e triste.
Mas agora venceste. Eis rôta a umbela; eis a haste,
sempre de pé, mas rôta. Eis-te, emfim, triunfante.

Obrigada... O teu odio audaz foi força minha.
Certa da ameaça leal e do assalto galhardo,
vivi no sentimento heroico do meu termo.
Armaste-me guerreira. Ungiste-me rainha.
Desprezei o que é torpe — o plangente moscardo,
a lesma fria, o cipó frouxo, o sapo enfermo.

Que seria de mim sem o teu odio franco?
Teria que empregar minha cólera augusta
contra o insecto roaz, contra o batrácio, contra
os parasitas vis; e olharia o barranco,
em vez de olhar o ceu, e a restinga combusta,
em vez da serra azul que, alêm, com o ceu se encontra.

E teria o inimigo atroz que irrita e enoja,
o que coaxa, o que trila, o que zumbe ou cicia.
E a lenta podridão...»
Emudece a Palmeira.
O vento, uivando, avança, e estorce, e envolve, e arroja
a fronde que, a morrer, ainda o desafia...
— O Raio estronda, alem, rasgando a cordilheira.

ALEGRIA

A Maria.

Surges. Trazes na boca um sorriso... Sorriso?
Suspeita de sorriso, inocente disfarce;
sombra de alguem que vinha e recúa indeciso;
astro a pungir, longinquamente, o azul do dia;
surto que se esboçou, surto em que vai alçar-se,
de súbito, talvez, tua alada alegria.

Ela está sempre assim, de asas abertas: vibra
uma leve impulsão, e ei-la borboleteando,
borboleta que sem esforço no ar se libra,
que da plena quietez passa, sem sobresalto,
ao vôo, e não se sabe, ao vê-la erguida, quando
vai descer e pousar, ou vai subir mais alto.

E o sorriso desponta. E' riso. Estende a linha
da comissura, igual à de um arco seteiro.
A cada canto sulca uma branda covinha.
Scintila-te no olhar, scintila-te nos dentes,
e vai-te iluminando, em pouco, o rosto inteiro,
como a alva doira o céu das manhãs transparentes.

Como é linda a alegria em ti, como é divina,
— esplendor natural da saúde harmoniosa,
musica viva a fluir de uma alma de menina!
Nem malicia, nem fel, nem resquicio de magua:
é a alegria que vem como o perfume à rosa,
como ao fogo o fulgor, e a espuma à queda d'agua.

Nem vês que luto, a sós, com o tedio que me cança,
que nos olhos que ponho em ti com alvoroço,
quase surpreso desta aparição tão mansa,
sob o riso recente ha uma tristeza velha,
como a treva que jaz no mais fundo de um poço,
por baixo dos clarões que a superficie espelha...

E sorris, e sorris. Vagueias pela sala;
sobre os livros que, à mesa, ante mim se acumulam,
debruças-te. E sorris, como a rosa trescala,
sem motivo ou razão; sorris com todo o rosto,
e com os dedos tambem, que sobre os livros pulam,
vibrando em tecla ausente um «scherzo» não composto...

E partes, a sorrir. Mas agora o sorriso
é a imagem do que foi, ou como que o disfarce:
sombra de alguem que vinha e recuou indeciso,
para logo tornar mais de pressa do que ia;
vôo que está a descer, para logo lançar-se
ao mais alto esplendor da divina alegria.

E eu fico ainda a sorrir, tambem, tal qual um monge
após uma visão de doçura e de graça.
E' triste o coração, o pensamento, longe,
procura o teu futuro e o teu bem, minha filha,
mas o sorriso fica — é o sol que na vidraça
de uma casa calada e deserta arde e brilha...

MUSSET

Lê. Mas lê com vagar. A estrofe comovida
é torrente veloz que o Artista mal subjuga;
ora, crespa, referve; ora, é um cristal sem ruga;
sempre à contemplação e ao sonho nos convida.

Não busques o lavor que a emoção, flama erguida,
a uma vã rigidez das expressões conjuga:
é a torrente, é o rolar da agua liberta, em fuga,
espelhando, a tremer, as paisagens da vida.

Vóga! Não ha temer nem remoinho nem fragua.
Olha lá dentro o céu de perola e turqueza!
Olha as nuvens do azul vagando dentro da agua!

Olha as ribas em flor! E o salgueiral tristonho!
E a colina!... Aqui tens, em verdade e em beleza,
no infinito da Vida, a imensidão do Sonho.

TAÇA VASIA

Ao dr. Olimpio Portugal

Obrigado.. O meu verso ainda te encanta o ouvido?
Deixou-te o olhar de azul e de luz alagado?
Foi como um golpe de asa esplendido e atrevido
que te ergueu para alêm de subito? Obrigado.

A beleza entrevista, o sonho presentido,
esse deslumbramento, esse enlevo, esse brado,
nada disso brotou, bem sei, do verso lido,
mas do proprio fulgor do teu fogo sagrado.

O verso era bem meu: tua, toda a poesia...
Honraste a minha taça enchendo-a do teu mosto.
Posso agora quebrar essa copa vasia.

Para que conservá-la?... Outros, menos felizes,
por ela tragarão mil drogas de mau gosto,
maldizendo-a com o mesmo ardor com que a bemdizes...

CEDRO EXPATRIADO

A' sombra de outras arvores, á sombra
de todo um bosque alto e folhudo, erguendo
a verde copa sobre a mesma alfombra,
na agua do mesmo rio reflectida,

uma arvoreta, a remirar-se na agua,
vai-se enchendo de orgulho e vai-se enchendo
ao mesmo tempo de uma funda magua,
— orgulhosa de si, triste da vida.

Olha no tópe do seu caule esguio
sua fronde a outras frondes enlaçada,
e tudo reflectido sobre o rio
numa só mancha com rasgões de luz;

escuta os mil rumores dessas franças,
que aos da sua se casam, numa zoada
de cadencias colericas ou mansas,
— e o que dentro lhe vai, assim traduz:

"A minha fronde imensa enche a floresta
de uma torrente de sonoridades!
Só ela uma alma e uma paixão põe nesta
bruta e bronca mudez vegetativa.

Só ela sonha e canta. Seus acentos
de magua, de esperança, de saudades,
largo-os na asa frenética dos ventos,
para que a mata no meu sonho viva!

Sinto, porém, que o' matagal me aperta.
Quem me dera mais luz e mais espaço!
Desdobrar minha rama, ampla, liberta,
sobre alto viso, numa solidão!

Descortinar o céu e a serrania,
desafogada do molesto abraço
destes cipoais e desta ramaria,
desta baixa e nojosa multidão!"

Ouviu-a, certo, um nume compassivo...
Mãos humanas, um dia, dão com ela,
roubam-na à sombra do rincão nativo.
E o lindo cedro já não vive oculto.

Sobre um outéiro vai viver sosinho,
— patente e solitaria sentinela, —
para que a gente do casal vizinho
lhe gose a graça juvenil do vulto.

E ali deita mais solidas raizes.
Dir-se hia, vendo-lhe a ramada espalma,
a mais feliz das arvores felizes.
Mas, ai! os vegetais são como nós...

Não raro, sob as tintas exteriores,
tem chagas infernais no intimo da alma;
e mesmo aquele que rebenta em flores,
em pranto rebentava, tendo voz...

Vendo-se a sós com a sua rama flébil,
o cedro se calou, como quem pensa,
todo espantado de se ver tão débil,
tão diferente do que presumira!

Quão pequenina é a rama leve, que antes
lhe parecera tumultuosa, imensa,
enlaçada às cem frondes murmurantes
de cujo seio musical saíra!

O vento passa pelo descampado
e, encurvando a arvoreta, só lhe arranca
surdo cicio, logo devorado
pelo vasto silencio em derredor...

Onde os tumultos e as cantigas? Onde
aquela vozeria agreste e franca?
onde aquele alto marulhar de fronde?
aquele amplo e fantastico rumor?

O murmúrio do pobre cedro enfermo
fenece no ar, como um soluço vivo
que se escapasse, miseravel, no ermo,
de uma desgraça que ninguem socorre.

Mas, embora sem sombra de esperança,
procura o seio do rincão nativo;
e, embora morra no caminho, avança,
porque a saudade que o gerou não morre!

A UM MOÇO TRISTE

Olha o joven carvalho, o cedro adolescente,
como arrojam para o alto os troncos ainda lisos,
como recebem rindo os beijos e os sorrisos
da nova madrugada à verdura recente.

Olha o arroio jovial que ainda não é torrente,
como salta, agitando os seus liquidos guizos.
E o galo novo que ergue, em sons ainda imprecisos,
todo o seu ser que nasce à luz do sol nascente.

E o potro que no campo esbarronda a manada,
na ansiedade de espaço e de amor, que o sacode.
E o horto que ostenta, a rir, a primeira florada...

Só vós, moços, chorais à Vida que alvorece!
Só vós pedis à Vida o que ela dar não pode,
e só vós recusais os bens que ela oferece!

A ESTATUA E A ROSA

A Emilio de Menezes

Pelo sóco de pedra, ao sol da manhã branda,
vê a Estatua enroscar-se uma rama espinhosa.
Qual se a vida animasse a votiva guirlanda,
entre as flores de bronze expande-se uma Rosa.

Milagre natural, mimo da primavera,
entre as formas e a côr a atenção lhe reparte.
É o trevoso misterio onde a vida se gera,
a florir no esplendor de um leve sonho de arte!

Mas a Rosa, soerguendo a corola orvalhada,
soluça a magua atroz que a alma de flor lhe corta:
« —Tú, por homem mortal concebida e talhada,
tú não morres, Estatua! Eu amanhã sou morta.

O meu viço é agonia. Um fado bem diverso
te assegura uma vida esplendida e tranquila.
O sol, meu pai e algoz, juntou, meigo e perverso,
ao vigor que me exalta o mal que me aniquila... »

E a Estatua respondeu:

« —Rosa, invejo-te a sorte.
A gloria de durar é uma longa miseria.
Que ironia, viver, engolfada na morte,
a vida vã da forma e o sono da materia!

Eu provenho de um sonho, e essa flor de poesia
só dentro da alma brota, e fenece onde medra.
Em nascendo, tornei-me a carcassa vasia
da ilusão que intentou eternizá-lo em pedra.

O sonho é um torvelin sem medida e sem norma;
é um latejar de vida, onda fervente e amarga.
A obra de arte, ao sair da mão que lhe dá forma,
é a vasa densa e vil que a onda, refluindo, larga...

O sonho de beleza, esse estado de graça,
não se fixa jamais; move-se como a vida.
A obra surge, e resplende. Ele prosegue, e passa.
E a obra viva e perfeita é a que não foi concluida...

Um dia serei pó. Tu viverás, rubente,
emquanto o mundo rola ao sol de ouro que te ama.
Tú, sim, reflorirás indefinidamente,
com essa forma, essa côr, esse orvalho, essa flama.

Tú, sim, és imortal nessa fragilidade.
Tú, sim, ostentarás, pelos tempos em fóra,
a perpetua frescura, a eterna mocidade,
á luz de cada aurora! »

TAPERA

Numa curva da estrada, onde a luz reverbera
num tanque entre ervaçais, aparece uma casa.
Pombas voejam no oitão, sobre a cumieira rasa.
Tudo ali tem um ar de quem convida, e espera.

Sigo. Chego ao pomar: o capim prolifera;
a guanxima ao joá bravo, alta e rija, se casa.
Silencio. E, no silencio, o som mole de uma asa
e o fremente chiar da cigarra. E' a tapera.

Bato à porta. Ninguem. Olho por uma fresta:
tudo escuro; e no escuro, a descer do telhado,
longas fitas de sol. Nada mais ali resta.

A velha casa morre. Apenas, sobre as lombas
do tecto a desabar caminham sem cuidado,
nos pequeninos pés, turturinando, as pombas.

CREPUSCULO SERTANEJO

Cai a noite. Um rubor fulge atrás da colina,
cuja sombra se alonga a pouco e pouco, enorme.
A velha arvore, alêm, verde nuvem, se inclina
para o chão, balançando o vulto desconforme.

E' uma nota profunda a vibrar na surdina
das côres e da luz, no amplo vale que dorme.
No silencio feral, que é uma vaga neblina
de sons, passa-lhe a voz como um borrão informe.

Sob a cópa uma forma em cinza se desmancha.
Um boi cançado busca a figueira cançada;
muge, e deita-se, em paz, numa violacea alfombra.

Muge. A fronde e o animal fazem uma só mancha;
o mugido e o rumor da fronde, a mesma zoada.
Manchas de som... Zoadas de côr... Silencio. Sombra.

JESUS ENTRE AS CRIANÇAS

A Alberto Faria

Jesus repousa, sentado
sobre a grossa raiz de uma figueira velha.
Como a arvore na luz do ocaso ensanguentado,
está quedo e sombrio. Ao som leve da aragem,
seu esquecido olhar, onde se espelha
a dolencia do sonho e da meditação,
vaga, sem nada ver, na sombra da folhagem,
sobre a areia do chão.

Pedro, a um lado, contempla à face do Rabino.
Não fala; quer falar, mas não sabe que diga...
Receia interromper com uma palavra rude
o sereno esplendor do alto sonho divino,
como o vento a encrespar a calma de um açude.
Mas receia tambem que a tristeza e a fadiga
tomem o coração do Mestre, e o coração
do Mestre muito amado, ao geito da figueira,
se dobre sobre si, e em soluços estale,
cheio da propria sombra, a pender para o chão.

E' pois, com uma alegria prazenteira
que vê, alêm, no concavo do vale,
vir uma ronda extensa de crianças,
como flória guirlanda desnastrada,
pondo na asa do vento ansiosa e rouca
o estrépito jovial dos cantos e das danças.
Faz menção de chamá-las; mas recúa.
Olha para Jesus, que não vê nada,
e, carrancudo, leva o dedo à boca,
onde um resto de riso ainda flutúa.

Mas o Rabino desperta
dessa meditação longa e soturna,
e um clarão de alegria o rosto lhe ilumina,
como um raio de sol bate o serro nevoento
ainda banhado da algidez nocturna.
Fala, acena, sorri, com a alma tão descoberta,
com a voz tão meiga, tão cristalina,
tão infantil no acento da ternura,
que o álacre bando pára, hesitante, um momento,
avizinha-se emfim do extrangeiro que o chama
e cujo aspecto já o não assombra;
procura a mão serena que o procura,
mão de que o afago se derrama,
como de um galho se desprende a sombra.

Jesus a todos fala com desvelos,
envolve-os numa nuvem de carinhos.
A este prende-lhe as mãos nas suas mãos; estreita
aquele sob um braço, outro sob outro braço;
alisa-lhes os cabelos,
como quem amimasse passarinhos.
E o seu sorriso bom suaviza o espaço...
Mas ha nessa efusão de ternura perfeita,
— sombra que as rugas da agua fazem na agua, —
algo de um inefavel desconforto,
de uma secreta magua.

Por fim, Jesus, de novo meio absorto,
pegando as mãos de um pequenito louro,
cuja cabeça brilha, cujos olhos
brilham como cisternas de agua clara,
depõe-lhe um beijo na madeixa de ouro...
E' como se tomasse uma flor entre molhos
de flores raras, como a flor mais rara
que tenha visto.

Pedro põe-se a pensar que esse infante ditoso,
radiante de beleza e radiante de encanto,
assim acariciado pelo Cristo,
que o envolve num olhar tão longo e veludoso,
será, de certo, no futuro, um santo,
é um querubim, talvez, que se encarnasse.

Jesus larga, porém, o infante que se esquiva.
Levando a mão à face,
volta à postura primitiva,
curvado para o chão, o olhar todo encoberto.

Pedro não se contém: — *Mestre, aquela criança...*
— *Pedro*, torna Jesus, *como num livro aberto,*
li todo o seu futuro.
— *Um futuro de paz e bemaventurança?...*
(Jesus Cristo sorri melancolicamente.)
Dize-me então, senhor, eu te conjuro:
será um anjo, talvez, que nasce entre este povo?
Que grandeza reserva o céu a este inocente?
Será profeta? Será rei?...

— *Será ladrão...*

diz o Rabino, o olhar mergulhando de novo
na sombra que se alonga e que oscila no chão.

A UM POETA IMPRODUCTIVO

Tú, sim, amigo, tú bem compreendeste aquilo:
a vacuidade atroz daquela feira abjecta,
onde, hostil à penumbra, ao recato e ao sigilo,
estrondeia o tropel da turba ousada e inquieta.

Sabio, soubeste erguer no silencio um asilo,
— claustro branco onde canta o sonho asul do poeta,
como a fonte que flui, sonora no ar tranquilo,
a encher perenemente a piscina repleta.

Do teu mudo desdem se escôa, comovida,
a obra que tú compões — uma tácita prece
à beleza do mundo e à beleza da vida.

Assim vive a palmeira entre as paisagens calmas:
gosa-lhes o esplendor e o encanto lhes acresce
com o alto fuste do caule e o capitel das palmas.

JARDIM FECHADO

Ouve: o afecto melhor não é como a áurea messe
que abre ao passante um seio amplo e desimpedido.
Não é um fruto qualquer, mal amadurecido,
que se colhe e se guarda a ver se amadurece.

Muita vez o mais alto é o que não se oferece,
e, desejando, espera, e foge, se é seguido...
Nunca te perdoarei não teres compreendido
o coração que se calou, mas não esquece.

Tiveste-o a palpitar longamente a teu lado.
E ele embalde esperou, com um sorriso entre dores
como um jacto de sol num arvoredo escuro.

E não quizeste abrir esse jardim fechado!
E passaste, a colher, de pressa, as pobres flores
que ao alcance da mão pendiam sobre o muro...

A BOA ARVORE

a J. Carlos

Alêm, no vale imoto, onde a selva congesta
se adensa e enrosca, a ondear os contornos hirsutos,
uma arvore surgiu, cresceu, rasgou uma fresta,
resistindo aos cipós e aos encontrões dos brutos.

Emquanto as outras mais se estorcem, doidas, esta
crava a raiz no solo e, em ritmos resolutos,
ergue o tronco e abre a rama, e florece modesta,
e a fronde alta e redonda estréla de aureos frutos.

Ninguem lhos colhe. A lama, as aves e as formigas
devoram lentamente os pomos de ouro dútil,
sob a copa que pende escorrendo fadigas...

E a arvore, em breve, a alçar os pendões do renovo,
tranquila recomeça a obra pesada e inutil,
para, em vindo a sasão, frutificar de novo.

PRECE DA TARDE

A Dona Francisca Julia

Genios mansos da tarde, escutai minha prece.
Sinto-vos deslizar por estes ares... Pondes
um veu de seda azul no ombro nú da colina.
Entre as moitas, o rio, em silencio, adormece.
E sobe, lento e lento, entre os cimos e as frondes,
da fadiga da terra o sonho da neblina.

Bolem na ondulação do campo, cujos termos
se vão perder ao longe em manchas de fumaça,
longas hesitações de agua em açudes quietos.
E as mulheres que vem da fonte pelos ermos
parecem respirar tranquilidade e graça,
erguendo no ar tranquilo os cântaros repletos.

A mata, alêm, na linha extrema do horizonte,
junto ás nuvens, que são vastas selvas aladas,
são nuvens a ondular no grilhão das raizes.
Tudo se esgarça e fluidifica. O híspido monte
dissolve a pouco e pouco, em tintas apagadas,
a aridez do contorno e o vigor dos matizes.

Genios da tarde azul, enchei-me de harmonia...
Doces, apaziguais o vale amplo e revôlto.
Tambem minha alma é assim, revôlta: socegai-a.
Permiti que o meu ser, na luz final do dia,
bóie e paire desfeito, ondeie calmo e solto,
num sereno esplendor de agua brava que espraia.

Vós que comunicais a toda a natureza,
nesta lenta fusão das côres e das linhas,
do perfume e do som, tão longo êxtase mudo,
permiti que minha alma, ao geito da represa
que se abriu e inundou as regiões convizinhas,
se derrame, calada e extatica, por tudo.

Por tudo se derrame, arrastada, envolvida
por esta alma abismal das coisas, ampla e bela,
e tambem se desmanche em sombra e em murmurío,
e sinta-se viver da imensa e obscura vida,
que por tudo circula e em tudo se revela,
e palpite com a fronde e soluce com o rio.

Passada esta hora, leve, em que assim se repousa
sem ilusão nem dor, numa serenidade
que surpreende e seduz o espirito contrito,
deixai-me carregar comigo alguma cousa
deste instante feliz de beleza e verdade,
de plenitude e paz, de sonho e de infinito.

Alguma cousa, emfim, que me fique no peito,
que me fique na dôr, como um suave despojo,
no tumulto e no pó do mundo estreito e amargo,
como num barco preso em porto esconso e estreito
parece ainda pairar, entre as velas e o bojo,
a ampla palpitação das carreiras ao largo!

∴

RIMAS POBRES

A um casal

Vejo-vos caminhar aconchegados
como dois bons, sinceros camaradas,
que por ínvias estradas, por estradas
pedregosas andassem, fatigados.

Fazeis bem. Vossas almas fatigadas,
nestes ermos da vida dilatados,
só caminhando muito aconchegadas
podem sorrir tranquilamente aos fados.

Que importa a sombra do desconhecido!
Que importa o sofrimento! Eia, abençoado
o mau caminho, que vos tem unido.

Podeis olhar sorrindo o trecho andado...
Quantos, mais do que vós, terão sofrido,
sem ter, no entanto, como vós, amado!

A UM VELHO POETA

Assim vieste, assim vais, oh Poeta, pela vida,
nessa doce loucura, alheio a tudo o mais.
Não sabes a extensão da estrada percorrida,
nem sabes de onde vens, nem para onde vais.

Cantas! Cantas o amor. Tua voz comovida
é clara e natural como os bons mananciais.
Mais de uma alma te amou, sem te ser conhecida,
como se amam somente os deuses imortais.

Aves tardas e vis, bichos de aspecto enfermo,
que o teu canto acordou vibrando os ecos do ermo,
seguiram-te a raivar... Mas raivaram em vão.

Desces a ultima encosta. E inda essa voz amiga
sôa, ao longe, ensaiando uma nova cantiga,
na graça juvenil de uma nova ilusão.

A DELICIA DA VIDA

Langueces, triste e só, como o arbusto desnudo,
que tenta em vão cravar no chão duro as raizes.
Nada sabes de ti; nada te agrada; tudo
é a mesma escuridão com diversos matizes.

No sossego e na paz, pedes um mal sanhudo
que abra feridas ruins e avive cicatrizes.
O tedio enche-te o olhar de sombra, se estás mudo;
se falas, aparece em tudo quanto dizes.

E perguntas ansioso: — Onde a calma e o remedio?
Como me hei de livrar deste perpetuo tedio,
deste cansaço atroz, desta magua incontida?

— Faze sofrer alguem! Verás como te acalmas...
Conhece a arte subtil de envenenar as almas,
e então fruirás contente a delicia da vida.

O VAGALUME E O ESCARAVELHO

Um vagalume, a voar, de quando em quando,
entre moitas em flor, num parque velho,
    lançava no ar o verde lume,
riscando a escuridão. Filosofando,
por entre a relva, um triste escaravelho
    estava a olhar o vagalume.

E o escaravelho triste, a andar de rastros
(pois coxeava de duas ou tres pernas),
ia a dizer comsigo: — «Que entusiasmo!
Julga talvez que está a ofuscar os astros...
Pensa que as suas míseras lanternas
enchem as velhas arvores de pasmo!»

E o vagalume, estrela pequenina,
subia às franças, a circunscrevê-las,
e ia incendiar o coração das rosas,
e ia bailar sobre a piscina,
pondo entre os mil reflexos das estrelas
o de mil esmeraldas luminosas.

De uma feita, pilhando-o sobre a areia,
o escaravelho aproximou-se e disse:
— «Pois não se cansa, então, meu filho?
Para que fim, sem repousar, volteia?
Quanta vaidade nessa garridice!
Quanta ilusão nesse enganoso brilho!

Melhor é andar, como eu, quieto, na relva...
E' tão grande este parque! Eu, que o percorro
ha tanto, ainda o não conheço inteiro.
E, além do parque, ha o vasto campo e a selva!
E, além, a serra... E o campo e a mata e o morro
nunca verão fulgir esse candeeiro!

A vida é curta. O mundo é imenso...»
— «Tá, tá! será bem certo quanto fala:
mas, tendo asas, porque hei de andar de rastros?
E quanto à pobre luz que emito, penso
que tolice maior será apagál-a
porque não pode emparelhar com os astros.

Essa modestia, de que faz espelho,
só tem de espelho a límpida moldura.
A eternidade... ou nada!
Apre! que pretensão de escaravelho!
Que dilema audacioso! Que loucura,
de vã sabedoria mascarada!

Ora, adeus. Ou, se já de mim não zomba,
vamos juntos: o espaço a voar convida...
Vamos para o alto! Como aquilo é lindo!»
O escaravelho tenta voar, e tomba
nas asas rôtas, maldizendo a vida.
E o vagalume sobe reluzindo.

A UM FILOSOFANTE

A Gelasio Pimenta

Prégas a audacia, o esforço, a luta indefinida:
«Ama a Vida, qual é, sobre todas as cousas.
Luta! ambiciona! canta! ousa! delira... E' a vida.
A onda esplendida e cruel te esmaga, se repousas.

A paz, a doce paz, mora entre as frias lousas
do campo-santo; aqui, freme a perpétua lida.
Viver é desejar. Tú vales pelo que ousas.
A renúncia nasceu do sonho de um suicida».

Assim falavas tú, férvido, o gesto forte.
O mar, junto de nós, a eterna dôr bramia,
— dôr sem compensação dos anseios sem norte.

E eu, sem mais nada opôr à tua audaz veemencia,
um rochedo mostrei-te à flor da agua... Dir-se hia
morto: vive, ousa e luta. A onda embate-o: ele vence-a.

∴

CONTRADITORIO

Rapaz, vivi num sonho ardente e deleterio,
que foi da nau sem norte o símile mais justo.
Sem conhecer o mundo, achei-o triste e angusto,
e fiz do mar imenso o meu suave ermiterio.

Errei, a demandar, sem cuidado nem susto,
miragens de beleza e abismos de misterio.
E ainda estaria a errar de hemisferio a hemisferio,
se a minha pobre nau já não vogasse a custo...

Hoje, conheço o mundo e, emfim, desiludido,
comparo, à frouxa luz da razão que amanhece,
a terra firme e farta ao proceloso mar.

Quanta fadiga vã! Quanto tempo perdido!
Como o sonho é enganoso!... Ai de mim! se eu pudesse
partir segunda vez e nunca mais voltar...

CIGARRA

A Olegario Mariano

Pia um passaro alêm. De uma copa, responde
estrídula cigarra, e o canto agudo estira.
Dir-se hia que a Terra, ante o Verão que expira,
ergue uma prece à luz, dando uma voz à fronde.

Porque canta a cigarra? E que diz ela? E onde?
em que frincha de sombra? O grande sol que a inspira,
doando-lhe o alto esplendor deste céu de safira,
a penumbra produz que a dissimula e esconde.

Canta, cigarra! Tú, que, em vez de teres garra,
bico, dardo ou ferrão, tens uma voz fremente,
enche do teu clamor estas matas e furnas.

O destino do poeta é como o teu, cigarra:
sonhar sonhos de luz na penumbra envolvente,
dar um frémito e um canto às frondes taciturnas...

∴

O ARROIO

Lá vai o arroio claro a fugir entre lageas,
entre rendas subtis de avencas e de lestres,
aqui beijando, a rir, tufos de saxifrageas,
ali roçando a flor das roseiras silvestres.

Lá se vai. Nada o prende a tão risonha estancia.
Di-lo heis satisfeito; insatisfeito salta...
Em vão lhe verte a flor os filtros da fragrancia,
em vão a erva sedosa a riba em flor lhe esmalta.

Em vão bailam-lhe em cima, a namorar-lhe as perolas,
borboletas de seda e de veludo e prata.
Tentam debalde enfeitiçal-o as auras querulas,
os insectos de fogo e os passaros da mata.

Em vão lhe acena, ansiosa, a palma sobre o estipite...
Tudo embalde lhe está em derredor tramando
teias de tentações e de afagos! Precípite,
para tudo se ri, mas lá se vai, cantando.

A uma rosa,—talvez por mais bela e mais humida, —
que o exorava, movendo acima da agua o calix,
respondeu, a soerguer-lhe uma caricia tumida:
— Exala o teu perfume. E' forçoso que o exales.

Balouça no ermo o alvor da corola de nevoa!
pois esse é teu destino. A mim cabe outra sorte:
quer a minha que eu fuja e que não pare, eu levo-a,
sem relutar, comigo; é mister que a suporte.

Parar seria, oh flor, viver no lodo flacido,
e onde ostentas o olor e a alvura da epiderme,
gerar traições letais sob um repouso placido,
e conviver com o sapo e alimentar o verme.

— E que vais tú achar além, tão longe, arroio,
senão a resistencia imota das pedreiras,
a vertigem brutal das quedas sem apoio,
a opressão dos canais e o estouro das cachoeiras?

Por isto vais trocar esta paragem florea...
— Quando se aceita, sabe-o, é menor a desgraça.
Menor, quando se busca. E é goso e íntima gloria,
se se vence, e depois, sem parar, se ultrapassa!

Hei de seguir, crescer. Minhas rasteiras aguas
serão aguas caudais em cachões e remoinhos.
—Serão dôres mortais tuas pequenas maguas...
—Mas não me hão de impedir que rasgue o meu caminho!

Hei de abrí-lo a cantar. Fraguedo e precipicio
ver-me hão sempre avultar, ao sol, de embate a embate.
— Porque tanta fadiga e tanto sacrificio?
— Para surgir mais forte após cada combate.

Hei de inundar, enorme, o amplo vale, a planicie...
— Levarás o baldão das quilhas e dos mastros.
— Quando os astros, no ceu, vierem à superficie,
dormirei, a sonhar, todo coalhado de astros...

—E que te espera alêm? O mar, o olvido...—Teme-o
quem não sabe, como eu, desafiar a treva.
— E por nada, afinal, te cansas! — Qualquer premio
macularia o alvor do sonho que me leva...

ESTOICISMO

Concebe um alto e claro pensamento,
que seja o teu abrigo e o teu reduto:
não por que possa produzir-te fruto,
mas ainda que te renda só tormento.

Copía o cedro, que alça o tope enxuto
à luz bem pura, onde é bem rijo o vento:
um dia talvez ache, alegre e isento,
a luz mais bela e o vento menos bruto.

Ascenda livre a tua seiva rica!
Deixa que a chuva com a bonança alterne!
Se o cedro persistisse em ficar baixo,

teria, — sem a luz que purifica, —
em vez do vento, que avigora o cerne,
a convivencia ascosa do escalracho.

VENCEDOR

Um dia, emfim, na senda em que vais, dura e flórea,
ao termo chegarás da exaustiva escalada,
e, depondo o bastão, a lira, a cruz, ou a espada,
cingirás o laurel da mais alta vitoria.

Um brado, uma ovação, tropeis . . . Depois, mais nada.
Inda todo a fremir da aspera trajectoria,
entrarás bocejando a aurea porta da Gloria,
e olharás com surpresa a multidão calada.

Olhá-la hás com rancor, vendo-a seguir a esmo,
vaga a eternos vai-vens e remoinhos sujeita.
E não terás razão, porque a gloria é assim mesmo...

A onda humana avançou, cresceu, ergueu-te, numa
investida triunfal; depois, recuou desfeita...
Como ha de a onda parar, para que brilhe a espuma?

∴

A VIDA

(Impressão do «Moisés», de Menotti Del Picchia)

Eis a Vida: seguir umas quimeras vagas,
lançando a mão em sangue aos cardos e aos espinhos;
rolar no pó; gemer; deixar pelos caminhos
mil farrapos de carne e o sangue de mil chagas;

sorver o horrendo fel que anda em todos os vinhos,
o veneno que jaz em todas as teriagas;
persistir, todavia, entre as chufas e as pragas
dos que vão, a ulular, por trilhos convizinhos;

chegar, emfim, exausto, ao fastígio da idade,
ver desfeito o jardim de encanto que sonhamos,
cair desfalecido e — supremo revés —

olhando para trás, ver que a felicidade
ficou alêm, no vale, onde, espectros, passamos,
ficou alêm, na flor que calcamos aos pés...

O AÇUDE

A Octavio Augusto

I

Quando resoaram no ermo, com fragor,
as primeiras malhadas, em cadencia,
no alto da primeira estaca,
o Artíficie passeou o olhar dominador,
quebrado numa vaga sonolencia,
em torno da barraca.

Podia respirar, emfim... Podia,
emfim, sosinho, agora, irradiar energia,
ardentemente, sobre a natureza;
abrir, emfim, toda a comporta agora
à vontade fatal que no ser lhe estuava,
como a agua funda a arfar no âmbito da represa.
Havia de sentí-la extravasar cá fora,
viver na vida que criava,
desdobrando-se à luz, como uma cobra,
na turbamulta dos trabalhadores,
resfolegando em bufos de motores,
ondeando em fumo, ardendo em luz, tinindo em aço,
cravando-se no solo, erguendo-se no espaço,
nas muralhas da Obra!

Fôra uma longa luta insidiosa e rasteira,
entre as malhas sombrias da cidade...
Vencera, emfim; vencera a custo,
e arrancara-se após a esse ascoso aranhol
para o livre horizonte deste campo,

como o rio que ferve na cachoeira
por entre paredões, num passo angusto,
e vai, emfim, ganhar a claridade,
amplo e calado sob o ceu escampo,
benefico e feliz à luz do sol.

Podia respirar... Num vivo escorço,
ao sopé da colina, onde, como uma vela,
se arqueava a tenda aos júbilos do vento,
via agitar-se à luz a multidão obreira,
na alegria comum de um harmonico esforço;
e ela lhe pareceu formosa, e ela
lhe pareceu esplêndida, um momento,
entre as scintilações dos ferros e o estridor,
e entre nuvens de poeira:
porque viu que em unisono, fremente,
como vibrando ao som de um remoto clarim,
parecia animada, heroicamente,
das audacias de um sonho criador...
E era o seu sonho que vivia assim!

Largo e soturno, ao lado,
rebrilha o claro rio entre arbustos escuros,
como um espelho em bronze emmoldurado.
Lança-lhe um longo olhar de desafio,
que a agua e as ribas abarca.
Ha de prendê-lo, um dia, entre altos muros:
ha de mudar-lhe, em breve, a insidiosa preguiça,
a frouxa lentidão de livre e calmo rio,
que as planicies inunda e as baixadas encharca,
numa força monstruosa e, entretanto, submissa.

E, até então, viverá, dia por dia,
essa vida maior que pela obra plasma:
transformado em legião, com dois mil braços,
será uma força natural bravia
a lutar com o penedo e a fazê-lo pedaços,
com a terra, áspera ou branda, a revolvê-la,
com a lama, o charco, o miasma,
a podridão, os vermes, a extinguí-los;
a lutar com a agua mole, a agua rebelde e mansa,

mortífera e cruel sob aspectos tranquilos,
a domá-la e vencê-la.
E ha de ver o seu sonho, a ideia aerea,
que era sombra de sombra, a aspiração
que pareceu morrer ao formular-se,
tomar formas visiveis à materia,
trasladando-se aos poucos, sem disfarce,
a rápidos sinais de sua mão,
em silogismos rijos de muralhas,
em conclusões de abóbadas e pontes,
rival dos rios e dos montes,
— sem desvios nem falhas,
sem uma imperfeição!

II

E a luta começou, porfiosa, dia a dia.
Vendo o campo talado e revolto, dir-se hia
que ali vaga e extravaga um formigueiro humano,
a arder numa paciente insánia, sem mais plano
que apagar as feições à obra da natureza.

Já do alveo que era seu banida, a correnteza
muge ao lado, a raivar, na curva de um desvio;

e do que foi ha pouco amplo e sereno rio
resta um jorro banal, saudoso do seu leito,
e um caminho de lama esboroado e desfeito,
onde os seixos ao sol são como os ossos brancos
de um morto apodrecido à sombra dos barrancos.
De um lado e de outro lado, entre montões de areia,
montões de alvenaria. Entre uns e outros, serpeia
confusa multidão de sulcos e de fossos.
E tudo em derredor são ruinas e destroços.

Entanto, o enxame, a ir e vir, não pára nunca:
quebra, esbruga, recorta, esmaga, fende, trunca.
Já leve ondulação do terreno não resta,
cuja curva gentil não lha rompa uma aresta.
Já relvado não ha, fresca e viçosa alfombra,
onde um ferro não rasgue uma guela de sombra.
E do seio do bosque ondulante e gemente,
que em vão busca na terra a agua do rio ausente,
surge, a ostentar no espaço a agudez do contraste,
o esqueleto anguloso e rijo de um guindaste.

Mas, aos poucos, do caos vem repontando a ordem;
nem só destroços ha no chão que os ferros mordem.
Da larga semeadura espantosa de estragos
parecem já brotar, ainda lentos e vagos,
os contornos subtís de uma ideia, à conquista
da forma estreita e justa onde esplenda e subsista.
Passam dias ainda, e já da terra medra,
buscando o sol estivo, uma frase de pedra;
outra, aos poucos, alêm, do solo se desata:
juntam-se, e já o sentido, em comum, se dilata.
Esboça-se, mais longe, um arco, de onde em onde,
e aquem, a cada qual, arco igual corresponde.
A cavidade se une à cavidade. A fenda,
que era um enigma ha pouco, agora se desvenda:
será um longo canal. E do emmaranhamento
de escombros e de paus, de pedras e cimento,
que alêm estrala e range entre nuvens de poeira,
vai deslindar-se em breve a leveza altaneira
de uma ponte graciosa, a espelhar o arcabouço
na agua que ha de fulgir, ampla e funda, no poço.

Presente sempre aí, emquanto o sol é vivo,
o Artífice é a alma audaz do esforço colectivo;
seu gesto, sua voz, seu nome, seu comando,
sua vontade está, por tudo, aí, pairando.
Vem dela o extranho ardor que ergue os alviões na faina.
Aqui, propele o embate; além, o ímpeto amaina.
E a legião, que a lutar tão longos dias passa,
outra razão não vê do que faça ou desfaça.
Cada pedra partida em lascas, cada mole
carreada, cada lenho a entrar na argila mole,
cada alferce rompente a voar nos ares, tudo
ponto por ponto espelha o pensamento mudo,
tão prestes como o gesto ansiante ou harmonioso,
como o olhar, o meneio, a palavra, o repouso,
quando a saúde, em paz, alma e corpo equilibra.
Toda essa vibração sai do seu ser que vibra!

Assim, o moço forte, embriagado na lida,
vê cada novo dia ampliar-lhe nova vida.
Sente-se desdobrar, ser legião, ser torrente,

crescer em derredor de si como uma enchente.
E essa larga embriaguez tanto a alma lhe transtorna,
tão alto o faz viver, tão jubiloso o torna,
que, amando o que lhe empresta uma força dobrada,
já quasi teme vêr a grande obra acabada...

∴

III

Um dia, emfim, o Açude, acabado, se alteia,
ao longe, sob o sol que o dorso lhe incendeia;
lá fulge entre a cortina ondulosa da mata,
mar de bronze arripiado em espumas de prata.

Já o curso da agua, alêm, regulado pela arte,
dons que antes não possuia, hoje, aos poucos reparte:

toda a cidade, agora, os percebe e reclama,
e a mão, que os afeiçoou, grande e forte proclama.
Já o vale improductivo, à surdina da rega,
deixa que à messe farta abra espaço a macega;
e ao mesmo tempo, em vez dos miasmas, a saude
vem conquistar mais terra em derredor do Açude.
E aos domingos, na praça, o burguez que suspira
por ares menos maus do que o ar que respira
e por um quadro novo e de nova beleza,
lá vai, em romaria, em busca da represa...
Diante da imensa cuba, alta, funda e repleta,
onde o ceu se despenha, ele sente-se poeta,
livra a imaginação do freio cotidiano.
E do tanque, florão da Cidade, anda ufano...

Um côro triunfal de louvores celebra
a forte concepção, a audacia que não quebra,
o saber minucioso, a razão previdente,
o sacrificio, a fé que alçaram a obra ingente

a despeito do error, da ignorancia, do pasmo,
da escumante impotencia e do ácido sarcasmo,
a despeito da muda oposição da terra,
do marnel que polui e do morbo que aterra,
a despeito do tempo, — e que assim, a despeito
de tudo, vieram dar num lavor tão perfeito,
O Artífice, porêm, usado a ir contra tudo,
quando toda a cidade assim fala, está mudo.
Vôa-lhe o nome no ar, porêm, quanto mais vôa,
mais se esgueira e se apaga, em sombras, a pessoa.

Porque ha de ele fugir à alta gloria que o chama?
Porque, depois da luta em conquista da fama,
quando a fama se rende, ele lhe volta a face,
como quem não a quiz, como se a não amasse?
Julga-a talvez mesquinha? Achará que ainda é pouca?
Pouco, ir assim, de peito em peito e boca em boca!
Pouco, poder pregar taes asas à vaidade
— a gratidão do povo, o orgulho da cidade!
Ah! que é preciso arder numa ambição de louco,
para achar que tudo isto, afinal, seja pouco!

Assim mais de um varão sensato raciocina.
E a aura feliz do Obreiro, entre chascos, declina...

O tempo faz o resto. O tempo tudo apaga,
tudo renova; após uma vaga outra vaga,
tudo alui e desfaz. A rosa em que a luz arde
é um sonho de manhã, será um farrapo à tarde.
O olvido, cuja marcha esse não ha que tolha,
como a hera — sobre a fama ergue de folha em folha
o velario que encobre o vigor, que deslustra
o brilho e as intensões, uma por uma, frustra;
como a lenta humidade — as junturas retalha,
aqui esborôa, ali amolga, alêm espalha
onde as linhas e a côr se davam mutuo arrimo
a lepra do bolor e a babugem do limo;
e como o carrascal que se larga a si mesmo
— por entre as construções mais fortes viça a esmo,
perspectivas destroi, primores desalinha,
e reduz a grande obra a uma ruina mesquinha.

Sofrendo sorte igual à do esforço que o alçara,
o Açude sofre, além, a invasão que não pára:
a ruina, o esquecimento incoercivel das cousas,
que dá às obras da vida a tristeza das lousas,
avança: aqui escurece; ali deforma... Avança
como os pontos de sombra avançam na lembrança,
a crescer em tamanho e em negror, lento e lento.

O esquecimento é ruina. A ruina é esquecimento.

IV

Alma piedosa parte a consolar o Obreiro:
— «Bem compreendo o pesar que te faz prisioneiro
de ti mesmo. Compreendo esse orgulho ferido,
que anda a sofrer a sós um mal incompreendido.
Sabias que a ovação da cidade e do povo
premiava em teu labor — não o bom, mas o novo,
(pois de agora não é que o vulgo insciente e pulha
só se abre com rumor ao que chega com bulha)

e quizeste fugir a essa triste aparencia,
que, se afaga a vaidade, atormenta a consciencia...
E tiveste razão: cessa o rumor; o açude
lá está, triste e apagado, e para a gente rude
é como a arvore boa à beira de uma estrada:
pouco importa saber por que mão foi plantada...
Por isso te retrais...»

— «Sim! como quem se dobra
sobre si mesmo, a erguer, na mente, nova obra,
— obra que lhe renove essa embriaguez de vida
cujo encanto se esvai quando a empresa é concluida!

Que me importa o rumor transitorio ou perene,
que afectuoso me exalte, ou duro me condene?
que a obra feita pereça, ou dure e brilhe ainda,
se findou para mim, desde que a dei por finda?

Certo é doce pensar, numa volupia calma,
que a feitura onde estão pedaços de nossa alma
ha de permanecer, forte, — quais penedias
sob inquieta caudal, — sob o dobar dos dias.
Certo é doce a quimera. A's vezes, a quimera
é todo o bem do heroi, que, na treva, ainda espera
ver de brusco raiar, do atro horizonte ao nivel,
o encantado fulgor de uma aurora impossivel...
Mas a ansia juvenil que me impulsa e me exalta
não vem dessa ilusão, porque a ilusão me falta.

Tudo quanto me alenta o esforço — é o proprio esforço.
Como quem, sobre um lenho, erra por sobre o dorso
mutante da agua viva, ora os remos batendo,
ora os remos largando, insaciavel bebendo
todo o vario esplendor da infinita paisagem,
sonhando entre dois céus, e só termina a viagem
quando é força parar, e, parado, só pensa
em reatar bem depressa a ebriedade suspensa,
— tal eu vou pela vida, ansioso, de obra em obra...

Cada esforço a ambição de um novo esforço dobra.
Minha existencia é um rio, eu quero-a como um rio,
impetuoso, liberto, esplendente, sombrio,
— e porque amo a caudal, quero vagar sobre ela,
contente se me exalta, e feliz se a acho bela.

Que me importa a represa? a aura infausta ou galerna,
que morra antes de mim, que sobreviva eterna?

O esforço é bom quando nos ergue e nos arrasta
no turbilhão da Vida e do Sonho! E isto basta.»

V

E tomando o compasso e o esquadro, e reacendendo
no olhar a chama azul que ia, ha pouco, perdendo,
— chama serena e igual de lampada nutrida,
chama de sonho largo e vontade contida, —
de novo se debruça, arfante, sobre a prancha;
traça, emenda, refaz; recomeça e desmancha...
E nesse estrenuo afan, que é delicia e tortura,
ele arqueja e sorri, com raiva e com amor,
— qual quem lavra uma gleba dura,
— qual quem sorri para uma flor...

NOTAS

Adoptámos, no presente livro, a ortografia oficial portuguesa, de cujas normas apenas nos afastámos propositadamente no tocante á acentuação grafica, dispensando a superabundancia de sinais que ela prescreve, e que só nos parece necessaria em obras didaticas.

Á revisão, nem sempre feita sob as vistas imediatas do autor, escaparam varias incongruencias, que serão naturalmente perdoadas.

Na poesia "A Estatua e a Rosa" ha um verso:

E a obra viva e perfeita é a que não foi concluida...

que tem semelhança com este outro de Rostand:

Les meilleurs sont les vers qu'on ne finit jamais

que se encontra na "Ballade des vers qu'on ne finit jamais", no livro "Musardises".

O primeiro podia ser tomado quasi como paráfrase do segundo. Releva notar, porêm, que o entrecho e o espirito de uma composição diferem sensivelmente dos da outra. De resto, o autor deste livro só muito depois de feita a sua poesia veiu a lêr as "Musardises", e notadamente a citada "Ballade", para a qual lhe chamou a atenção prezadissimo amigo, passando-lhe o volume do poeta francez.

INDICE

Paginas

Que este livro, leitor... (soneto) - - - 7
Nuvens (soneto) - - - - - - - - 9
Epistola - - - - - - - - - - - 11
A um Adolescente (sonetos) - - - - 15
A Palmeira e o Raio - - - - - - 27
Alegria - - - - - - - - - - - 33
Musset (soneto) - - - - - - - - 37
Taça vasia (soneto) - - - - - - - 39
Cedro expatriado - - - - - - - - 41
A um Moço triste (soneto) - - - - - 47
A Estatua e a Rosa - - - - - - - 49
Tapera (soneto)- - - - - - - - - 53
Crepusculo sertanejo (soneto) - - - - 55
Jesus entre as Crianças - - - - - - 57
A um Poeta improductivo (soneto)- - - 63
Jardim fechado (soneto) - - - - - - 65
A boa Arvore (soneto) - - - - - - 67

Paginas

Prece da Tarde - - - - - - - - 69
Rimas pobres (soneto)- - - - - - - 73
A um velho Poeta (soneto) - - - - - - 75
A Delicia da Vida (soneto)- - - - - 77
O Vagalume e o Escaravelho - - - - 79
A um Filosofante (soneto) - - - - - 83
Contraditorio (soneto) - - - - - - - 85
Cigarra (soneto)- - - - - - - - 87
O Arroio - - - - - - - - - - 89
Estoicismo (soneto) - - - - - - - 93
Vencedor (soneto) - - - - - - - - 95
A Vida (soneto) - - - - - - - - 97
O Açude - - - - - - - - - - 99
Notas - - - - - - - - - - - 123

esta edição foram tirados seis exemplares em papel Fabiano, numerados e rubricados pelo Autor.